

		TÍTULO		Revista Especial Natal			
FONTE	Jornal do Fundão			DATA	17/12/2020	Nº da(s) página(s)	38,39, 40,42
PERIODICIDADE	Diário	Semanário	X	Quinzenário	Mensal	Outro	
ÂMBITO	Local	Regional	X	Nacional			



Manuel Cargaleiro: Como ele desenha o mundo



que sugere ser jardim ou ser DE NOVO floresta - tudo o resto surge na sua obra rodeando esta regra central de desenvolvimento.

A exposição Uma vida desenhada, a ser inaugurada em Março no Museu Manuel Cargaleiro, em Castelo Branco, foi pensada para revelar uma zona mais intimista e menos conhecida do seu trabalho e apresenta (a partir de um vasto fundo de cerca de dois mil originais) um conjunto de desenhos nunca expostos (cerca de centena e meia), no que constituirá um momento maior da vida cultural da instituição, da cidade e do país. Tão vasta selecção permite-nos estabelecer uma viagem fascinante entre os anos de 1950 do século passado e a década de vinte deste século - setenta anos de inesgotável vontade criativa, intensa e sempre rica nas suas propostas e abertura a novos caminhos - e leva-nos a procurar revelar a especificidade poética (a forma e o conteúdo) da sua obra no contexto histórico em que se insere.

Os desenhos apresentados vão lançar pontes de interpretação para todas as dimensões da sua obra (seja a pintura, sejam as várias dimensões dos seus trabalhos cerâmicos, notoriamente a azulejaria) preparando-nos para entender melhor a génese formal do seu trabalho e a sua iconografia, os diálogos que estabelece com a tradição dos saberes artesanais e com história da arte do seu tempo. Mas, como sabemos, na obra de qualquer artista, o desenho mantém grande autonomia face às outras expressões e é como desenhador de pleno direito, na dimensão de liberdade e autoridade que a disciplina confere, que a exposição nos vai convidar a olhar para Mestre Cargaleiro.

A ligação íntima que estabelece com a natureza transmite a Cargaleiro em verdadeiras lições de captação da riqueza da luz, através da cor ou de integração dos ritmos e dinâmicas dos elementos naturais, através da disposição dos elementos visuais e das regras da composição; lições ainda de comunicação estética, através da sua capacidade para colocar o seu entendimento pessoal do mundo em diálogo imediato com os públicos, oferecendo-lhe imagens que são permanentes campos de energia positiva, de expansão e de alegria.

Instalado definitivamente em Paris desde a década de 1950, onde se relacionou com a arte e os artistas modernos das sucessivas gerações vindas dos anos de 1910 aos anos de 1960 e com os novos que se lançavam na aventura da arte contemporânea, Cargaleiro integrou o mercado local sem se ligar a qualquer linguagem em circulação mas elaborando sínteses pessoais (da abstracção lírica ao leticismo). E manteve sempre profundas ligações a Portugal, através de encomendas públicas e privadas, de exposições de pintura e cerâmica, da produção de obras cerâmicas em fábricas portuguesas, da aquisição de obras nacionais para enriquecer as suas colecções.

Mas, principalmente, Manuel Cargaleiro nunca esqueceu os anos de infância e juventude em que se fez a formação do seu olhar e sensibilidade, aprendizagem artística e técnica. Nascido em paisagem rural (Vila Velha de Ródão) onde regressava regularmente e crescido em meio rural (mas à beira da grande cidade: entre a Charneca da Caparica, numa Margem Sul em crescimento urbano acelerado, e Lisboa) Cargaleiro integrou, cedo, e intensamente, as realidades cruzadas dessas experiências sensoriais e poéticas explorando os elementos da natureza que o ro-

João Pinharanda

Manuel Cargaleiro manifesta na sua obra uma constante atenção ao mundo que o rodeia e, é ATRAVÉS DESSA sua curiosidade pela natureza, suas formas e materiais, seus modelos e possibilidades técnicas da sua representação que podemos perceber o essencial da sua obra. A Natureza que invade a obra de Cargaleiro pode ser sintetizada numa folha ou numa pétala; e pode tornar-se a pétala em flor ou em jardim de flores e transformar-se a folha em árvore para crescer até ser floresta ou cidade



deava mas também as matérias plásticas, como o barro, com que criou as primeiras formas tridimensionais.

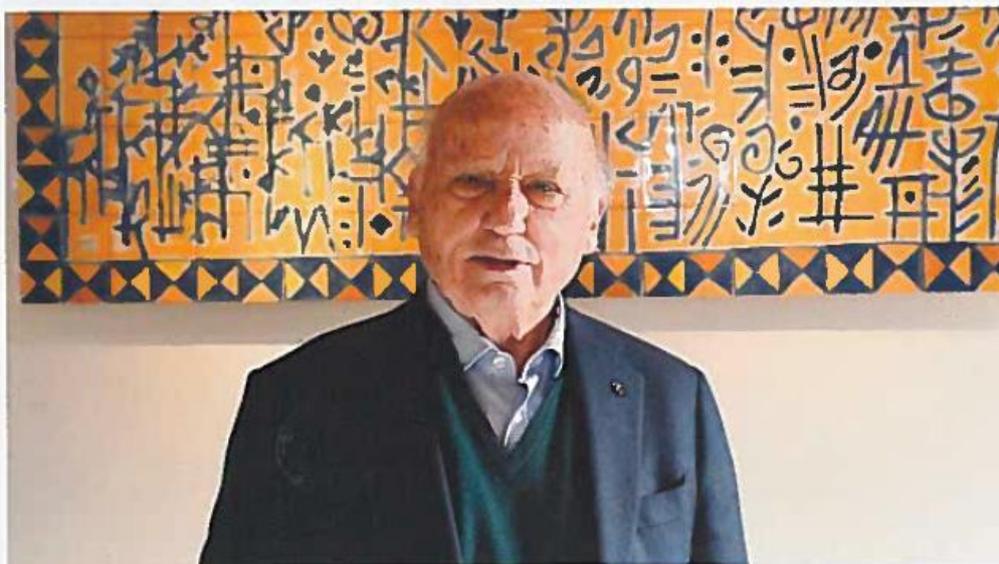
Nos seus desenhos a riqueza da luz e das cores, a velocidade elegante dos ritmos de composição são dados numa tensão e diálogo permanentes entre a irrupção livre do vegetal e a disciplina do gesto geométrico, entre a sugestão figurativa e a sublimação abstracta, entre a mancha solta e a sua organização em padrões. A presença dominante da memória da grelha azulejar (ou do azulejo isolado que cita a tradição do azulejo DE "figura avulsa") estrutura vastíssimo número de desenhos dando-lhes estabilidade formal e um destino de aplicação decorativa. Mas a tensão que referimos não é resolvida a favor de qualquer das soluções. Cargaleiro mantém o fluxo dos seus desenhos numa fronteira aberta a várias soluções simultâneas sendo tal opção garantia da liberdade que artista deseja manter para si mesmo no fazer e que também, generosamente, quer oferecer ao olhar crítico do espectador.

São estes alguns dos fios de sensibilidade e racionalidade que a exposição pretende tornar evidentes organizando longas séries de desenhos, estabelecendo aproximações formais e temáticas entre diferentes tempos, sublinhando as coerências e continuidades, as aberturas, desvios e retomadas que ligam todo o conjunto.

A personalidade de Cargaleiro cresceu num confesso ensimesmamento e solidão melancólica que o fizeram menino tímido e curioso. Mas foi essa curiosidade tornada insaciável que lhe deu o intenso desejo de conquista de espaço e afirmação de autoria que caracterizam o seu trabalho. É esta última vertente, a de exteriorização solar e exuberante, a de uma alegria imediata e afabilidade constantes, que predomina na imagem que de si mesmo o artista oferece ao mundo e que o mundo retém da sua obra dividida por muitas linguagens e espalhada por muitos lugares. Mas não podemos deixar de perceber nessa alegria, na multiplicação de suportes, dos média, das direcções de trabalho, na produção constante de novas imagens e novos temas mas também no regresso fiel a tantos outros temas e imagens, a revelação de uma insatisfação permanente e, por isso, de uma angústia existencial, de uma luta essencial contra a solidão: a invenção das flores e das suas cores, a elegância das linhas e dos seus ritmos, a vertigem das perspectivas ou o brilho dos vidrados são instrumentos de conquista da sua e (da nossa) felicidade. ●●

(NOTA: o autor não escreve segundo o AO de 1990)

"Parte do sonho está por cumprir"



Trinta anos depois da criação da Fundação com o seu nome e 15 anos depois da inauguração do Museu Cargaleiro em Castelo Branco, o mestre ceramista e pintor continua um inconformista, como qualquer artista deve ser.

O ano de 2020 marca duas importantes efemérides para Manuel Cargaleiro. A Fundação com o seu nome comemora 30 anos e o Museu Cargaleiro, em Castelo Branco, cumpre 15 anos de vida.

Manuel Cargaleiro recorda o momento em que Cavaco Silva, então primeiro-ministro, Mário Soares, então Presidente da República e Cruz Abecassis, então Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, instituíram para a criação daquela fundação numa tentativa de apoiar as fábricas de azulejos que estavam a atravessar grandes dificuldades: "A Fundação foi uma iniciativa que pretendia criar uma nova linha artística e autoral para a indústria de azulejos. O objetivo era criar novos temas e uma nova linha que permitisse à arte da azulejaria projetar-se internacionalmente. O objetivo inicial nunca foi plenamente cumprido, é pena porque perdeu-se uma das raras artes em que Portugal sempre foi reconhecido pela sua produção de excelência. Hoje apenas a Viúva Lamego, com quem trabalho, e uma ou outra fábrica se mantêm em atividade." Anos mais tarde a Fundação Cargaleiro teve um projeto para instalar na Praça de Espanha em Lisboa um Museu Cargaleiro, com um projeto de Álvaro Siza Vieira. Mas acabou por ser a cidade de Castelo Branco a ver nascer o mais importante museu da região que cumpre este ano 15 anos de vida ativa.

A história da Fundação Manuel Cargaleiro cruza-se com o percurso de Manuel Cargaleiro numa perspetiva de entendimento da sua produção artística e da sua vertente de colecionador, em prol do estudo e da divulgação da Arte e da Cultura. A Fundação Manuel Cargaleiro é herdeira e detentora de um significativo património, com grande valor artístico, histórico e cultural. Aquando da criação da Fundação, o mestre Manuel Cargaleiro doou uma parte considerável da sua coleção pessoal para dar início à Coleção da Fundação, de modo a garantir o seu estudo, conservação, divulgação e salvaguarda, a qual se constitui atualmente por mais de dez mil obras. Para Manuel Cargaleiro, parte do sonho, está no entanto por cumprir: "Sempre considerei que a Fundação e o Museu deviam ter um papel muito ativo na pedagogia e cultivo de conhecimento das artes, especialmente da cerâmica. Temos desenvolvido algum trabalho nesse sentido, sobretudo com os Politécnicos e com as atividades pedagógicas com as escolas, mas penso que podemos e devemos ir mais longe."

De partida para França, a sua segunda pátria, Manuel Cargaleiro espera voltar a Portugal no início do próximo ano, preparando-se para a inauguração da exposição de desenhos inéditos que o Museu vai ter patente ao público a partir de março: "Trata-se de uma exposição em que é possível ver como se fazem os projetos e os estudos para a concretização das obras, quer de pintura, quer de cerâmica. Penso que é uma exposição interessante para quem queira conhecer métodos e o trabalho de um artista." ●●